

A REVISTA *QUERIDA* E A MEMÓRIA DAS LEITORAS IRATIENSES NA DÉCADA DE 1960

DOI: 10.5935/2177-6644.20200001

THE *QUERIDA* MAGAZINE AND THE
MEMORY OF IRATIENSES READERS IN
THE 1960

LA REVISTA *QUERIDA* Y LA MEMORIA
DE LOS LECTORES IRATIENSES DE LOS
60

Cibeli Grochoski *

Nádia Maria Guariza **

Resumo: O presente artigo trata de como as representações de gênero divulgadas na revista *Querida* na década de 1960, bem como em outras mídias, se aproximam das lembranças de mulheres que eram jovens na cidade de Irati (PR). Assim como a revista que transitava entre o moderno e o tradicional, as entrevistadas em suas narrativas demonstram esta assertiva.

Palavras-chave: Representações. Revista *Querida*. Relações de gênero.

Abstract: This article deals with how the gender representations published in *Querida* magazine in the 1960s, as well as in other media, come close to the memories of women who were young in the city of Irati (PR). Just like the magazine that moved between the modern and the traditional, the interviewees in their narratives demonstrate this statement.

Keywords: Representations. *Querida* Magazine. Gender relations.

Resumen: Este artículo trata sobre cómo las representaciones de género publicadas en la revista *Querida* en la década de 1960, así como en otros medios, abordan la memoria de las mujeres jóvenes de la ciudad de Irati (PR). Al igual que la revista que se movía entre lo moderno y lo tradicional, los entrevistados en sus narrativas demuestran esta afirmación.

Palabras clave: Representaciones. *Querida* revista. Relaciones de género.

* Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO *Campus* Irati.. E-mail: cibeli_grochoski@yahoo.com.br

** Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professora Adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, *Campus* Irati. E-mail: nadiamguariza@gmail.com

Introdução

Este artigo analisa temas presentes na revista feminina *Querida* durante a década de 1960, e a influência que a mesma teria exercido sobre as suas leitoras no Brasil e especialmente nas leitoras do município de Irati, no sudeste do Estado do Paraná. Para isso, além da análise dos periódicos, também foram entrevistadas três mulheres que foram leitoras da revista.

Querida começou a ser publicada em 1953 pela *Rio Gráfica Editora*, pertencente ao Grupo *Globo*, no Rio de Janeiro com circulação nacional. Em suas páginas a revista exibia artigos e colunas sobre moda, beleza, culinária, decoração, prendas domésticas, matrimônio, maternidade, normas de comportamento, enfim, os chamados “assuntos femininos” (PINSKY, 2014, p. 37). Ela ditava maneiras de ser, pensar e agir para suas leitoras. Mas de que forma as leitoras se apropriavam destas representações normativas? É o que será analisado ao longo desse texto.

Mulheres e homens em revista: as representações de gênero em *Querida*

Em 1960 as revistas femininas estavam presentes nos lares da classe média e desempenhavam o papel de entreter além de servirem como uma vitrine que apresentava para as leitoras os novos produtos e as tendências da moda. A partir da imprensa feminina é possível pesquisar sobre questões sociais, econômicas e culturais, os periódicos de *Querida* representam um mundo no qual os papéis de gênero são bem definidos. Um espaço no qual se cultivava um estereótipo de mulher ideal, sendo recatada, doce, meiga, “boa esposa”, boa mãe, a “rainha do lar”.

Esse papel tradicional referente à mulher é o resultado de transformações sociais do final do século XVIII e início do XIX. A medicina social e o discurso médico-higienista lançaram para a sociedade normas de higiene, mas essas instruções médicas extrapolaram os limites da saúde começando a modificar a feição social. De acordo com Jurandir Costa Freire (1989):

Colaboraram para o processo de hierarquização social da inteligência, criando a ideia que o indivíduo culto era superior ao inculto. Difundiram, simultaneamente, o preconceito de que o cérebro do homem capacitava-o para as profissões intelectuais, enquanto o da mulher só lhe permitia exercer atividades domésticas. (COSTA, 1989, p. 14)

Desta forma estabelecendo os papéis sociais masculinos e femininos normativos, os sujeitos deveriam se casar e ter filhos. O homem seria o marido e o pai para assim demonstrar a sua virilidade e sua masculinidade em ter uma prole e sustentar a família. À mulher era reservado o papel de esposa e mãe, teria que se preocupar apenas com questões relacionadas à

família e ligadas ao espaço doméstico.

Essas novas formulações ocorridas na família burguesa a historiadora Michelle Perrot (1991) denomina de *Teoria da Domesticidade* que, segundo Perrot, tornou a família a garantia da moralidade natural (PERROT, 1991, p. 94). A família passa a ser a célula base da sociedade e quem não se encaixava aos moldes de uma vivia nas margens sociais.

Os indivíduos que não estavam inseridos em um papel social familiar, como por exemplo, as solteiras e os solteiros permanentes ficavam à margem da sociedade, pois a normatividade girava em volta do modelo familiar tradicional. O matrimônio era importante para mulheres e para homens a partir dele os sujeitos executariam os seus papéis sociais. As mulheres como esposas, mães e donas de casa, as protetoras do privado; enquanto que os homens estariam ligados ao mundo público na economia e na política, e no lar ligado ao papel de esposo, pai, provedor da família e protetor dela e dos costumes, o chefe da casa.

A dignidade masculina estava associada à sua profissão, já que a masculinidade se baseava na capacidade em atender às necessidades dos seus. Em contrapartida a feminilidade da esposa e das filhas se fundava na dependência (HALL, 1991, p. 70). De acordo com Shirley Sesarino (2001) o menino para torna-se homem precisa “ganhar o mundo”, entretanto esse processo não está descentrado da família. As normas que orientam as condutas masculinas e femininas estão ligadas aos valores veiculados pela família, pois ela é o pólo do processo de masculinização e feminilização. O homem demonstraria a sua virilidade com a prole e a sua masculinidade com a potência em sustentar uma família, quem não seguisse esse padrão era considerado um degenerado ou incompleto. A pesquisadora defende que é a partir dessa herança simbólica do século XIX que os homens das camadas médias na metade do século XX estariam vivendo:

Para serem homens precisam mostrar-se fortes e destemidos. E para que as mulheres fiquem em casa precisam sustentar-se no lugar do provedor. Assim, é ele quem trabalha! [...] Essa representação do papel feminino (a maternidade e o lar) estava tão arraigada que mesmo desempenhando algum trabalho remunerado, para eles, elas continuavam sendo ‘do lar’. (SEsarino, 2001, p. 118)

Eles não poderiam fracassar no papel de provedor porque seria o mesmo que fracassar enquanto homem. A imagem de homem provedor responsável pela política e pela economia, e a mulher encarregada dos cuidados da casa e da família são “frutos de estereótipos veiculados pela mídia, cinema e artes em geral (romances, letras de música, revistas, escultura etc.), e reforçados pelo processo de socialização na família e na escola” (OLIVEIRA, 1998, p. 13).

Segundo Nancy Cott (1991) na década de 1920 nos Estados Unidos as representações de mulheres se tornam diferente do modelo oitocentista vinculado ao matrimônio e maternidade. Emerge a nova representação de mulher moderna marcada pela liberdade e

individualidade, a linguagem de “feminilidade emancipada” tornou-se familiar, as mulheres conseguiram ter mais acesso a educação e ingressarem no mercado de trabalho. Nancy Cott (1991) aponta que no século XIX as mulheres não tiveram muito acesso a educação, mas em 1920 elas eram praticamente a metade dos discentes.

Em uma sociedade cada vez mais urbana as mulheres começaram a agir de forma “moderna”, passaram a fumar, aboliram o uso do espartilho, diminuíram o comprimento das saias, começaram a frequentar universidades, conquistaram espaço no mercado de trabalho etc. Claro que enfrentaram dificuldades, pois o discurso conservador sexista ainda era presente, mas foi nesta década que a dona de casa, a rainha do lar, começou a passar por transformações que a transformariam na “mulher moderna”.

Segundo Roger Chartier (1999) em muitos períodos na história as mulheres foram censuradas sobre suas leituras, muitas mulheres não eram sequer alfabetizadas. Maridos, pais, irmãos, Igreja, instituições de ensino todos censuravam a leitura feminina. A elas eram indicadas leituras que ensinassem sobre a moral e os bons costumes.

Até o século XIX a educação feminina era quase inexistente, pouquíssimas sabiam ler, algumas compreendiam apenas a leitura de receitas, o que já era visto como o suficiente, além disto:

Se ler já era considerado perigoso, escrever era muito pior, já que assim as mocinhas podiam grafar bilhetes aos seus pretendentes, ameaçando a paz e a integridade da família patriarcal e pondo em risco a autoridade paterna. Pior ainda era a mulher escrever e publicar textos assinados, isso era considerado um atentado à honra, já que tanto o nome da mulher, quanto sua pessoa, devia se manter dentro do lar. O que se esperava do sexo feminino era que fossem boas esposas, mães e donas de casa. (KROETZ, 2015, p. 118)

Manter as mulheres analfabetas era como protegê-las da promiscuidade e evitar que escrevessem bilhetes e cartas para pretendentes ou amantes. As mulheres letradas eram sugeridas leituras “açucaradas”, como por exemplo, leituras bíblicas ou romances.

A literatura foi perdendo terreno para a moda e atividades domésticas. Na Europa e nos EUA, ainda manteve um certo espaço, devido a tradição de leitura de suas populações. No Brasil, a literatura permaneceu até o começo deste século, para praticamente desaparecer nos anos 60. Substituí em forma de fotonovela, mas o espaço para contos ou romances seriados diminuiu muito dentro de jornais e revistas. O lazer que a literatura representava persiste em outras seções, como testes, reportagens romanceadas sobre gente famosa e no próprio visual da revista, que geralmente proporciona uma leitura agradável. (BUIIONI, 1986, p. 22-23)

As revistas femininas eram consideradas uma ótima forma de distração para as mulheres em seus momentos de lazer, já que utilizava uma linguagem fácil, diferente de um livro, por exemplo, e quando a leitura era interrompida poderia ser facilmente retomada posteriormente. Além de distrair as leitoras com contos, suas páginas funcionavam como uma vitrine que mostrava as novidades para as mulheres. Marcas de alimentos, produtos de limpeza, beleza e eletrodomésticos estampavam as páginas trazendo junto com o produto

“moderno” a representação da “mulher moderna”. De acordo com Dulcília Schroeder Buitoni (1986) o desenvolvimento da fotografia e da impressão fez dos periódicos femininos uma mídia cada vez mais visual.

As representações do feminino e do masculino são construções sociais disseminadas através da religião, da família, dos costumes e da mídia. A partir do segundo pós-guerra os países começam a se modernizar e os novos ares atingem a todos assim as revistas femininas tiveram que se adequar aos novos tempos.

Querida aspirava em ser moderna era uma revista para adultos, mas apresentava muitos artigos para as jovens, muitas leitoras liam sem a aprovação dos pais, às escondidas (PINSKY, 2014, p. 39). As revistas femininas desejavam ser “amigas” das leitoras, verdadeiras conselheiras para isso eram persuasivas. Através de um tom coloquial a revista ordenava condutas.

A utilização de formas verbais imperativas – ‘Faça’, ‘Olhe’, ‘Ande’... – diminui a faixa de liberdade da leitora. Numa linguagem muito próxima da publicitária, os textos dirigidos à mulher são verdadeira comunicação persuasiva, aconselhando-a a todo momento sobre o que fazer [...] Ainda que se negue, a imprensa feminina usa e abusa do aconselhamento e da receita. Das grandes receitas às pequenas, tudo traz ingredientes e modos de fazer. Como se vestir, como preparar sopa de cebolas, como agarrar seu homem, como conseguir emprego, como ser boa mãe, tudo é receita (BUITONI, 1986, p. 75-76).

Ao folhear a revista notamos representações de mulheres, de como ser, agir e pensar. Muitos artigos presentes na revista eram escritos por homens ou por um grupo de colunistas homens que assinavam com pseudônimos femininos, assim eram “receitas” impostas pelo sexo masculino ao feminino. Esses discursos promovem o poder que existe nas relações de gênero, Joan Scott (1990) propôs o termo como uma categoria útil para análise histórica. Segundo a historiadora, essa categoria foi à forma utilizada pelas feministas estadunidenses de refutarem o suposto caráter biológico e natural das distinções referentes ao sexo, assim o feminino e o masculino são construções sociais.

Joan Scott (1990) questiona essa naturalização dos papéis sociais, segundo ela existe uma diferença biológica entre sexos, mas essas distinções não podem ser utilizadas como justificativa para os papéis. Já que essas diferenças foram construídas socialmente, culturalmente e historicamente.

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (SCOTT, 1990, p. 21).

Assim, Joan Scott (1990) defende que gênero são os papéis sociais criados com base nas diferenças anatômicas visíveis entre os sexos, e que esta divisão cria relações de poder, uma hierarquia entre homem e mulher, na qual o sexo feminino está em desvantagem. As

questões levantadas por Joan Scott sobre os papéis sociais femininos e masculinos podem ser exploradas na análise dos periódicos da revista *Querida*. Assim sendo compreendemos que as revistas femininas são compostas por discursos de relações de poder e representações dos papéis femininos e masculinos.

Para além das páginas da revista: as leitoras iratienses de *Querida*

Como a teoria da domesticidade estava sendo refutada pelos movimentos feministas, principalmente pela Segunda Onda na década de 1960, as mulheres estavam conquistando novos espaços e novas representações emergiam sobre o feminino a revista *Querida* transitava por essas transformações. A revista é um produto cultural ela vendia produtos e comportamentos que na década de 1960 estavam passando por grandes mudanças. A mulher deixa de ser apenas a “rainha do lar”, agora ela é a “mulher moderna”, que estuda e trabalha, mas a maior parte das páginas de *Querida* ainda tratam de temas voltados ao domínio do privado, da intimidade do lar, da família, e das áreas de comportamento feminino. Seguindo o que seria o destino “natural” de suas leitoras após o matrimônio. O discurso e as representações estão entrelaçados entre o moderno e o tradicional.

A revista tinha como objetivo ser comprada, por isso ela apresentava discursos conservadores já que os mesmos ainda permaneciam fortes na sociedade brasileira. Para compreender se esses discursos contribuíam para a formação das subjetividades das leitoras foram entrevistadas três mulheres moradores de Irati-PR que na década de 1960 liam revistas femininas, entre elas *Querida*. Para preservar suas identidades os seus nomes foram substituídos pelos seus signos do zodíaco, desta forma temos as leitoras: Canceriana, Leonina e Sagitariana.

Querida apresentava assuntos que iam das agulhas a pudins, com poucas matérias sobre estudos ou carreiras femininas. Mantinha as mulheres associadas ao espaço privado, às representando como “servas” de seus maridos e outras obrigações da “vida feminina”. A revista procurava refletir o “Novo Brasil”, os costumes, as tendências, mas a mudança não significou uma ruptura com os velhos padrões sociais.

As revistas femininas eram uma forma popular de entretenimento entre as jovens, folheando os periódicos elas tinham acesso às novidades, a revista mantinha as leitoras atualizadas sobre as tendências da moda, música e cinema. Sagitariana (2019) conta que: “A gente trocava revistas, emprestava uma para a outra. A gente queria ficar por dentro da moda né o que usava, e tinha também aqueles cremes que a gente nem comprava nem tinha aqui na cidade, sabe a gente queria saber dessas coisas”.

Muitos artigos presentes em *Querida* eram exportados dos Estados Unidos assim

muitas novidades apresentadas pela revista não tinham para venda em Irati, mas mesmo assim as jovens iratienses gostavam de ler para ficarem atualizadas. Elas trocavam revistas, pegavam emprestadas com mães de amigas, folheavam em grupo ou sozinhas debruçadas sobre a cama, às vezes as escondidas.

Em 1960 encontramos aspectos da modernidade entrelaçados com a tradicional representação de mulher nas páginas da revista. Segundo Carla Bassanezi:

As revistas são uma importante fonte de informação e referência para as mulheres, principalmente leitoras de classe média. As revistas femininas penetram no espaço doméstico e procuram atuar como guias de ação, conselheiras persuasivas, companheiras de lazer ou alienação. (BASSANEZI, 1993, p. 112)

Em seus discursos *Querida* tratava a leitora como se fosse uma conselheira, referia-se a ela de forma íntima, tentando convencê-la sobre decisões e opiniões e “conscientizar sobre o papel feminino na sociedade” (COSTA, 2009, p. 215). Os anos de 1945 a 1964 significaram muito para a história do Brasil, essa época teria sido “dourada”. O governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek (1956-1961) com o *Plano de Metas* cujo lema era “cinquenta anos em cinco” desejava desenvolver o país para isso estimulou a produção em massa e o consumo de produtos, *Querida* é repleta de propagandas de eletrodomésticos, automóveis e produtos de beleza, moda e decoração, ostentação dos Anos Dourados. Todos esses novos produtos ganharam espaço nas casas da classe média brasileira (MELLO; NOVAIS, 1998).

Mesmo com tantas mudanças sociais e econômicas a educação da mulher continuava voltada para o lar, o objetivo e o futuro de toda “moça de família” deveria ser o matrimônio e a maternidade. Como aponta Carla Bassanezi (2006) a família modelo dos Anos Dourados era constituída pelo “chefe da casa” que detinha a autoridade e o poder sobre a esposa, era também o responsável pelo sustento da família. “A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura” (BASSANEZI, 2006, p. 608-609). A ilustração a seguir representa a mulher ideal:



Fonte: *Querida*, Janeiro de 1960. Acervo CEDOC, UNICENTRO - IRATI.

A propaganda destaca o produto sendo uma das maravilhas da modernidade trazendo praticidade no cotidiano da dona de casa. Nessas propagandas a mulher é sempre representada com uma aparência impecável, cabelos penteados, utilizando maquiagem e roupas alinhadas, passando a mensagem de ser “moderna”, de se estar “na moda”.

O discurso publicitário apelava pelo amor e dedicação da mulher pela família, com o intuito de oferecer o melhor a eles. O homem está usando camisa e gravata o que remete a ideia de trabalho representando o “chefe da família”. O esposo e os filhos bebem o leite preparado pela esposa acompanhado de biscoitos, certamente feitos também por ela. Enquanto todos se alimentam ela é representada de maneira feliz em servir a família. Nos periódicos analisados a imagem da mulher é na maioria das vezes atrelada ao lar, aos cuidados com a família, aos serviços domésticos e ao cuidado com os filhos são trazidos como sendo uma obrigação exclusivamente feminina.

As entrevistadas Leonina e Canceriana quando questionadas sobre a relação de esposa e marido dentro do lar responderam: “Me lembro que diziam coitado voltou cansado, precisa descansar, não perturbe, a toalha está aqui, o sabão está aqui, a comida... Até hoje. Muita gente não dobra nem o guarda roupa” (LEONINA, 2018). A fala de Canceriana não foi diferente:

O pai trabalhava a maioria das mulheres não trabalhavam, então voltando lá, pela mulher não trabalhar e o homem trabalhar sempre assim tipo “vamos esperar o teu pai”, almoçávamos a

família inteira junto, “quando teu pai chegar eu conto para ele”, sabe aquele medo, a mulher tinha sempre muita é... Sustento tudo do marido então ela dava mais autoridade para ele também ou tirava a dela ela não queria ter a responsabilidade, não a responsabilidade, mas a palavra o discutir. (...). Então até isso. Sempre o homem um pouquinho mais acima da mulher mais, mas, não rebaixada, mas mais enfeite da casa do que... Não Sei se meu conceito é esse por que veja voltando mais, a minha vó, mãe do meu pai, trabalhava aqui na loja, sabe ela era... Trabalhava, criava filhos e... Sabe então eu acho que no fundo a mulher sempre foi mulher maravilha, sempre ela foi pode ver. Meu marido muito bom, muito bonzinho, mas se eu contar para você que ele deu alguma mamadeira ou trocou alguma fralda estou mentindo, então veja isso a quantos anos minhas crianças. (CANCERIANA, 2018)

Em suas memórias as entrevistadas apontaram que as mulheres tinham a obrigação de cuidar do lar, dos filhos e do esposo, o serviço fora de casa para muitas mulheres não era possível ou necessário, pois o espaço público, o mundo dos negócios, era para os homens. Apesar da urbanização, industrialização e das mudanças econômicas e sociais que estavam ocorrendo no período Canceriana estava destinada a ter a vida que a mãe e a sogra tiveram. Ela disse que era o homem que tinha a autoridade dentro do lar inclusive sobre a esposa, que a mulher era “mais um enfeite da casa”. Ou seja, as mulheres continuavam vinculadas à esfera doméstica e nas tarefas tradicionais femininas. Para as mulheres o domínio da casa era claramente o seu destino, como afirma Guacira Lopes Louro (2011):

As “mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, ou seja, para elas a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do *caráter*; sendo suficientes, provavelmente, *doses pequenas ou doses menores de instrução*. Na opinião de muitos, não havia porque *mobilizar* a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que o seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o *pilar de sustentação do lar*, e educadora das gerações do futuro. (LOURO, 2011, p. 446)

A mulher deveria ter os conhecimentos básicos para educar os filhos. Assim como em muitos outros lugares do Brasil durante a década de 1960, em Irati havia dois colégios católicos que eram muito bem vistos pela população iratiense. O Colégio São Vicente de Paulo e o Colégio Nossa Senhor das Graças, um destinado aos meninos e outro às meninas.

O Colégio Nossa Senhor das Graças foi fundado em 1931 por freiras, a instituição também já funcionou como orfanato e nas décadas de 1950 e 1960 ambas as instituições funcionaram como internato, pois muitos estudantes eram moradores da zona rural do município ou de outras regiões e não tinham condições de locomoção.

Estas instituições separavam seus alunos por gênero por isso Canceriana, Leonina e Sagitariana estudaram na Nossa Senhora das Graças, escola destinada às moças e coordenada por feiras, já os rapazes frequentaram o Ginásio São Vicente, coordenado por padres. Nessas Escolas além de Ensino Normal os alunos eram educados para a fé cristã, e com ênfase em uma consciência patriótica.

As tarefas desses mestres e mestras não era contudo, exatamente as mesmas. Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros

ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas bordado e costura. (LOURO, 2011, p. 444)

Meninas e meninos aprendiam coisas diferentes, de acordo com o gênero a que pertenciam e a função social reservada a elas e a eles na sociedade. A Economia Doméstica, por exemplo, era uma disciplina obrigatória apenas para o sexo feminino e a orientação metodológica teve em mira a “natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar”¹. Esta disciplina ensinava sobre o “verdadeiro” papel da mulher, ensinando a cuidar e zelar do lar, do marido e dos filhos.

Canceriana (2018) conta que depois de casada somente ela realizava os serviços domésticos o seu esposo nunca “ajudou”, e: “nós meninas até na escola a gente tinha uma matéria sobre educação doméstica, então tinha caderno assim de como que limpa a casa, pano, paninho de limpeza, passar e varrer... aí meu Deus! você acredita que a freira ensinava” (CANCERIANA, 2018).

Leonina (2018) também lembrou desta disciplina e contou que aprendeu a cozinhar, costurar, bordar e a fazer enxoval na escola, enfim tudo que supostamente estaria ligado ao mundo feminino. A Economia Doméstica era um preparo para o lar, formadora de mães, esposas e donas de casa. Segundo Roseli Boschilia (2002) nas escolas as atividades masculinas estavam ligadas aos espaços externos enquanto que as atividades femininas ficavam restritas ao espaço interno nos quais aprendiam sobre música, bordado, pintura, etc. “O exercício dessas atividades auxiliava na fixação de características consideradas tipicamente femininas, como o silêncio, a paciência, a perseverança e a delicadeza” (BOSCHILIA, 2002, p. 45).

A esposa ideal tinha que manter o lar sempre organizado e aconchegante, saber cozinhar e costurar, as mulheres deveriam ser “prendadas”. As três entrevistadas lembraram da disciplina de Educação Doméstica e também do curso de magistério locais nos quais elas eram ensinadas a ser uma “moça para casar”.

Para ser uma mulher para casar as jovens precisavam apresentar boa conduta, serem recatadas, e cumprirem funções “supostamente essenciais a toda mulher, como cozinhar, lavar, limpar, costurar, educar e, em meio a todas essas atribuições, permanecer impecavelmente linda” (ALVAREZ, 2017, p. 45). As moças aprendiam essas “lições” na escola, na família e a revista *Querida* reforçava esse papel feminino, pois em suas páginas ela trazia inúmeras receitas e moldes de roupas para as leitoras copiarem, é importante ressaltar que no período roupas prontas não eram comuns.

¹ Ver mais em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 de junho/2020.



Fonte: *Querida*, março de 1960. Acervo CEDOC, UNICENTRO - IRATI.

Neste anúncio de lã para confecção de roupas mostra dois homens, supostamente pai e filho, utilizando casacos feitos pela esposa e mãe, já que era dever da mulher zelar pelo bem estar da família e isso incluía fazer e tricotar roupas. É importante ressaltar que nos anúncios sempre que a figura masculina aparece no espaço doméstico é representado descansando, se alimentando ou se divertindo diferente das representações femininas.

Ainda jovens as mulheres aprendiam a costurar, pois, “saber costurar deste muito cedo era um valioso atributo de moça de família prendada e caprichosa” (SALERNO, 2009, p. 102). As revistas ensinavam a como ser e agir para conquistar um marido e como mantê-lo, para isso as mulheres precisava ser exímia dona de casa e mãe. Esse pensamento era reafirmado pela família, desde cedo às meninas aprendiam com a mãe a como “ser mulher”, esposa-mãe-dona de casa. O tema maternidade estava sempre presente na revista *Querida*, em textos e anúncios, como no a seguir:



Fonte: *Querida*, novembro de 1960. Acervo CEDOC, UNICENTRO – IRATI.

Nessa propaganda da máquina de costura Singer traz a economia proporcionada pelo aparelho, já que a mulher costuraria as roupas da família em casa sem gastar com uma costureira. Esse anúncio também envolve a maternidade, a filha observa e auxilia a mãe assim aprendendo desde pequena o “ofício feminino”. As marcas utilizavam o discurso de serem modernos, mas havia uma oscilação entre o moderno e o tradicional.

O casamento oferecia acesso da mulher ao lar e à maternidade, as concepções de mulher moderna não rompiam com esse estigma. O homem aparecia como o “sexo forte” e a mulher como “frágil”, aquela que sofria por amor e deveria se esforçar para cuidar bem do seu marido, sendo, (...) a sacerdotisa do templo culinário, responsável pela boa organização da casa, pela fidelidade do seu companheiro, estando atenta para as suas necessidades materiais, como roupas e acessórios, já que essas funções indicariam seus dotes de esposa e dona de casa. (COSTA, 2009, p. 189)

A maternidade era um dos assuntos mais recorrentes na revista *Querida*, os filhos eram uma certeza após o casamento, as moças casadoiras sonhavam com esse futuro. A mulher idealizava a felicidade depositando suas esperanças onde a tradição lhe ensinou a depositá-las: no Matrimônio, no lar e na maternidade. Ao casar-se a mulher “recebia um pacote de tarefas e uma multiplicidade de funções que haviam sido incutidas às mulheres desde a infância: uma preparação necessária que a sociedade patriarcal, (...) desenvolvera muito bem na consciência feminina” (COSTA, 2009, p. 189).



Fonte: *Querida*, fevereiro de 1960. Acervo CEDOC, UNICENTRO – IRATI.

Nessa propaganda a eficácia da pasta de dente Colgate além da saúde bucal é relacionada ao casamento, o anúncio apresenta uma história em quadrinho no qual a jovem assiste um romance na televisão, quando o sobrinho zomba da tia, o menino diz que ela tem mau hálito. Ela vai ao dentista que a ensina sobre a higiene bucal, depois que ela segue os novos hábitos de higiene ela arranja um pretendente, terminando com o menino assistindo um programa de caubói olhando para a tia que parece estar vestida de noiva, dizendo: “Colgate melhorou o programa agora não tem mais drama”.

A marca sempre trazia a referência de casamenteira em seus anúncios, contava histórias de moças solitárias que depois de usarem o produto encontravam o “par ideal”. As histórias acabavam com frases do tipo: “Colgate não é boato – Faz casamento de fato!” (QUERIDA, 1959, Nº 122, p. 34) ou “Colgate entrou em ação e melhorou logo a situação” (QUERIDA, 1960, Nº 138, p. 78).

“Ficar pra titia” era um medo entre as jovens, motivo de zombaria, as mulheres solteiras com mais de vinte e cinco anos recebiam o rótulo de “solteironas”. Essa situação era um estigma, uma situação social indesejável. A mulher solteira era vista como “incompleta”, nem esposa nem mãe.

Canceriana (2018) disse que se casou tarde para a “sua” época com vinte e seis anos, neste período era normal o casamento após o término do magistério, antes dos vinte anos de idade. De acordo com Leonina (2018):

Casavam muito cedo com 17, 18 anos, imagine é muito cedo o que você sabe com 18 anos e casar, cuidar de casa logo engravidavam né. Então elas ficavam iam se acomodando né. “Não, fique com ele porque ele é bom da o que comer, olhe a casa, olhe isso...”. E hoje em dia não, hoje você não aceita você sabe né, isso não aconselha a ninguém, não deu certo... (PINSKY, 2014, p. 12)

A entrevistada destacou que o divórcio não era bem visto socialmente. De acordo com Carla Bassanezi Pinsky (2014) no Brasil o desquite ganha força a partir dos anos de 1950, e somente no ano de 1977 que o divórcio vira lei:

Até então, o único marco legal da separação de um casal é o desquite, que impossibilita um segundo casamento pelas leis brasileiras. A oposição à legalização do divórcio vem da Igreja Católica, de grupos conservadores organizados, mas também de grande parte da opinião pública. Assim, apesar das tentativas dos divorcistas, nessa época prevalece o conservadorismo que alega defender a sociedade contra “a desorganização da família”, “o amor livre” e “a introdução do comunismo”. (PINSKY, 2014, p. 12)

Leonina (2018) disse que as jovens se casavam muito cedo e após o matrimônio a maioria delas vivia em função da família e do lar. Na década de 1960 existia o desquite, mas ser uma mulher desquitada era visto com maus olhos pela sociedade, sobre esse assunto a entrevistada continua:

A questão era a seguinte você se separar de um marido, dissolver um casamento era culpa da mulher, que ela não agradou, ele teve que procurar fora de casa, né. Então nesse ponto que ficava muito velado, elas não queriam que o pai soubesse por que vai incomodar, daí ela levava a vida inteira marido traía, mas levava porque primeiro muitas mulheres não trabalhavam fora, a grande maioria, total de dependência do marido, filhos né, então se anulava. Muitas mulheres se anulavam, casavam e ficavam como em prisão, nunca mais iam a baile nenhum, a gente via sair só com o marido, ele ainda tinha mais liberdade. Alguns, não geral, mas o que a gente via era que elas suportavam muita traição do marido, sabe? E você não podia se separar porque você jurou que ia ficar... (PINSKY, 2014, p. 12)

Toda ameaça ao casamento era lavo de críticas, falar em divórcio era considerado imoral, “a pior chaga da sociedade”. O Código Civil brasileiro de 1916 mantinha o matrimônio indissolúvel e a mulher era considerada incapaz de exercer certos atos e tinha uma posição de dependência e inferioridade em relação ao esposo, nem mesmo trabalhar a mulher não poderia sem a permissão do marido (DEL PRIORE, 2005, p. 259). Por isso quando Leonina (2018) afirmou que muitas mulheres ficavam “presas” ao casamento, mesmo esse sendo infeliz, pois elas não tinham escolha, Canceriana (2018) disse que mulher desquitada era mal falada, além disso, os filhos também ficavam “manchados” socialmente:

Assim, tipo mulher separada era assim... Mãe solteira era mais respeitada do que separada, não era muito bem vista sabe. Só sei que, por exemplo, as meninas, a gente não, não... Era da época não que a minha mãe achava isso, era, por exemplo, menina filha de... Se você fosse filha de mãe separada não era muito bom eu andar com você porque a tua mãe é separada, então veja que coisa né. E era assim, não tão abertamente, mas nas entrelinhas, sabe. Se você fosse filha de mulher separada não era boa companhia. Muitas ficavam casadas por causa dos filhos... (CANCERIANA, 2018)

Muitos motivos mantinham as mulheres acorrentadas ao casamento entre eles a falta de opções ligadas ao financeiro já que a maioria das mulheres não trabalhava, assim tendo total dependência financeira do marido. E outro motivo era a moral social dos filhos, pois como Canceriana (2018) citou as mães não deixavam as “moças de família” ser amigas de pessoas pertencentes a lares desfeitos, a dissolução do matrimônio era considerada um pecado. O homem não tinha a reputação ferida pelo desquite, ele era considerado a “vítima” na maioria das vezes. É interessante notar que Canceriana justifica o julgamento da mãe relacionando a época e que hoje ela não pensaria da mesma forma porque os tempos são outros, ou seja, *Querida* é um espelho de seu tempo, ela reflete representações e concepções sociais vigentes na década de 1960.

Em 1968 *Querida* apresentava a seguinte orientação para as leitoras: “A mulher divorciada ou desquitada, por causa dos preconceitos, tem que enfrentar sérias consequências. Ao lado das complicações morais, alinham-se contra ela todos os problemas de caráter financeiro e material” (QUERIDA, 1968, Nº 335). Sempre que a revista tocava no assunto de separação, desquite e divórcio era desencorajando as leitoras a tomarem essa decisão, da mesma forma que Leonina citou que as mulheres aconselhavam as amigas, mandando a

esposa pensar no lar e na família.

O trabalho feminino remunerado não era a regra, o papel tradicional de mulher estava muito presente na sociedade da década de 1960, entretanto algumas famílias começaram a investir na formação acadêmica de suas filhas. As entrevistadas Canceriana e Leonina após terminarem o magistério se mudaram para Curitiba para estudar Letras na PUC. Canceriana exerceu a profissão somente até o casamento já que depois disso ficou atarefada com assuntos domésticos, e:

Minha sogra (risos) era um amor, mas olha o ditado dela, veja bem isso era a cabeça dela, eu escutava né, eu não podia querer discutir, mas ela dizia assim com todas as letras: “Gato e mulher em casa; Homem e cachorro na rua” esse era o pensamento que ela foi criada e assim ela criou os filhos dela sabe então pode ver... Os maridos não enxugavam louça, não faziam nada, não participavam (CANCERIANA, 2018)

A condição de dona de casa foi imposta a ela, o velho discurso que os espaços públicos eram destinados aos homens e o privado a mulher ainda estava presente na década de 1960 e 1970 nas famílias tradicionais iratienses. Canceriana acabou herdando o negócio da família de seu pai e hoje administra o comércio, sua sogra discordava desta possibilidade.

A sogra de Canceriana cresceu ouvindo esses discursos nas rodas de conversa, entre familiares, na Igreja, na escola, nos romances, nas mídias e como aponta a entrevistada ela criou os filhos da mesma forma, relacionando o lar e todos os seus cuidados á mulher. Tanto que o marido de Canceriana não participa das tarefas domésticas e nem contribuiu com o cuidado dos filhos como trocar fralda e preparar a mamadeira, por exemplo.

Das três mulheres entrevistadas apenas Leonina seguiu os estudos, se tornando mestre em Letras, e construindo uma carreira universitária. Segundo a historiadora Ana Paula Vosne Martins (1992) os planos individuais das mulheres dependiam da vontade da família, algumas mulheres se formavam e se estabeleciam no mercado de trabalho se tornando independente financeiramente. Entretanto outras valorizavam o modelo de feminilidade centrado nas prendas domésticas, iam para a faculdade deixando para trás um noivo à quem elas retornariam “doutoras”, muitas nunca exerceram a profissão apenas tinham um diploma, como afirma Ana Paula Vosne Martins elas carregavam o canudo em uma mão e a aliança em outra, dando mais importância para a última.

A revista *Querida* sempre apresentava matérias sobre noivado e casamento, principalmente no mês de maio, conhecido como mês das noivas, não só a revista publicava matérias sobre o assunto, mas também as marcas utilizavam a data para vincular seus produtos ao casamento.



Fonte: *Querida*, maio de 1960. Acervo CEDOC, UNICENTRO – IRATI.

No anúncio anterior a Arno faz uma sugestão de presente de casamento com os produtos da marca. Uma mulher aparece presenteando a noiva com eletrodomésticos, as donas de casa adquiriam produtos modernos para auxiliar em funções femininas tradicionais, esses novos produtos prometiam tornar a vida da “mulher moderna” mais prática.

Dessa forma, *Querida* propagava a representação da mulher através de papéis femininos tradicionais (dona de casa, esposa, mãe) e características que compunham a essência feminina (beleza, moda, culinária, doçura, recato, etc.) criando padrões de beleza e feminilidade.

Com seus inúmeros conselhos às esposas sobre como cumprirem a sua “função” relativa à “harmonia doméstica e conjugal”, as revistas se dizem favoráveis à mulher. No entanto, uma análise mais profunda das revistas da época pode revelar formas de manutenção da dominação masculina sem enfrentamentos diretos, conflitos ou questionamentos nas relações homem-mulher. Estas se traduzem, por exemplo, no controle da sexualidade feminina, na divisão rígida de atribuições e tarefas no casamento (relegando às mulheres espaços menos valorizados socialmente), na “dupla moral sexual”, na submissão, na falta de diálogo entre iguais e nas responsabilidades distintas atribuídas ao feminino e ao masculino com relação à “felicidade conjugal” (BASSANEZI, 2006, p. 144)

Nos periódicos analisados foram encontrados aspectos de uma cultura machista e conservadora, além de criar e reproduzir padrões presentes nos “anos dourados”, tudo era sempre para agradar ao sexo masculino e muitas colunas da revista foram escritas por homens.

Para as mulheres a modernidade não estava presente na modificação do ser, na

maneira de pensar, mas sim na forma de consumo. Para torna-se modernas as mulheres precisavam adquirir os produtos modernos: eletrodomésticos, maquiagens, produtos de higiene, acessórios, elas deveriam “ter para ser” (COSTA, 2009, p. 215).

A partir da história oral pudemos observar que as trajetórias das três leitoras entrevistadas foram diferentes, mas em alguns pontos se cruzam, principalmente as histórias de Canceriana e Sagitariana. Assim nos anos 60 a imagem das mulheres estava muito ligada à esfera doméstica e *Querida* criava e reforçava esses padrões de feminilidade.

Considerações Finais

Os discursos presentes na revista fazem parte da sociedade brasileira daquele período, a década de 1960, *Querida* difundia, criava e reforçava representações e padrões de mulheres e homens. Neste artigo foram analisadas as representações mais frequentes de mulher que era a de esposa, a mãe, cuidadosa, caprichosa, responsável por múltiplas funções, quase sempre inseridas dentro do lar. Envolvidas em discursos que apresentam a modernidade entrelaçada com a tradicional imagem feminina.

A modernidade representada por *Querida* não mudava as maneiras de pensar e agir das mulheres, mas sim o ter, adquirir produtos modernos para ter uma vida facilitada por eles. Nas páginas da revista o papel da mulher classe média-alta continuava a ser o mesmo, o tradicional.

A história oral permitiu o acesso à memória das leitoras que confirmaram o discurso da revista, até mesmo porque *Querida* não estava “alheia ao mundo” ela estruturava seus assuntos de acordo com o que a sociedade pensava e queria ler. Pois, *Querida* era um produto e uma produtora de símbolos sociais.

Referências

ALVAREZ, Palmira Virgínia Bahia Heine. A discursivização da mulher no lar na década de 1950 no periódico Jornal das Moças. **Tabuleiro de Letras**, v. 02, p. 1-15, 2017.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Editora Contexto: UNESP, 2006.

BASSANEZI, C.. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). **Cadernos Pagu**, v. 1, p. 111-148, 1993.

BOSCHILIA, Roseli Terezinha. **Modelando condutas**: a educação católica em colégios masculinos (Curitiba 1925-1965). Tese (Doutorado em História), Curitiba: Universidade Federal do Paraná - UFPR, 2002.

- BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.
- COSTA, Maria Paula. **Entre o sonho e o consumo**: As representações femininas na revista Claudia (1961-1985). Tese (Doutorado em História), Assis: Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, 2009.
- DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.
- HALL, Catherine. Sweet home. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada**, v. 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 53-88.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 443-481.
- MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando. Capitalismo Tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, F. (coord.), SCHWARCZ, L. M. (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. V.4. p. 559-658.
- PERROT, Michelle. Os atores. In: PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada**, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das letras, 1991.
- PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SEARINO, Shirley Valera Rialto. **Tornar-se homem**: construção do masculino na Curitiba das décadas de 1940 e 1950. Dissertação (Mestrado em História), Curitiba: Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2001.
- SALERNO, Laura Peretto. **Querida ensina**: Preceitos de comportamentos femininos em páginas da revista Querida (1958-1968). Dissertação (Mestrado em Educação), Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, , 2009.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: **Educação e Realidade**, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

Fontes

- REVISTA QUERIDA**, Janeiro de 1960, 1ª Quinzena, nº 135. Rio de Janeiro: Rio Gráfica Editora.
- REVISTA QUERIDA**, Fevereiro de 1960, 2ª Quinzena, nº 138. Rio de Janeiro: Rio Gráfica Editora.
- REVISTA QUERIDA**, Março de 1960, 2ª Quinzena, nº 140. Rio de Janeiro: Rio Gráfica Editora.
- REVISTA QUERIDA**, Maio de 1960, 1ª Quinzena, nº 143. Rio de Janeiro: Rio Gráfica Editora.
- REVISTA QUERIDA**, Novembro de 1960. 1ª Quinzena, nº 155. Rio de Janeiro: Rio Gráfica Editora.

Recebido em: 18 de outubro de 2020.

Aprovado em: 30 de outubro de 2020.